

GRAFITE E PICHÇÃO – QUE COMUNICAÇÃO É ESTA?

Dayse Martins da Cruz

Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de São José / SC.

E-mail: martinsdayse@ig.com.br

Maria Tereza Costa

Professora de Pós-Graduação em disciplinas relacionadas à Educação Especial e pesquisadora no Instituto de Pesquisa Pelé Pequeno Príncipe - IPPPP, em Curitiba / PR.

E-mail: marellias08@yahoo.com.br

RESUMO: O foco deste artigo é o estudo do grafite e da pichção como elementos que fazem parte da rotina visual dos habitantes das grandes cidades, onde muros, paredes e outros espaços públicos e privados são testemunhos do registro de diferentes formas de expressão e inscrições urbanas. No caso de ambientes internos, refere-se a observações realizadas em uma unidade escolar da rede de ensino da Prefeitura Municipal de São José/SC, onde se constatou um número bastante elevado de pichções, evidenciando atos de transgressão através do mau uso da escrita, enquanto elemento de comunicação e de desenvolvimento humano no processo de ensino-aprendizagem dentro da Escola.

PALAVRAS-CHAVE: Grafite. Pichção. Linguagem. Cultura. Contracultura. Transgressão. Escrita. Comunicação. Escola.

GRAFFITI AND GRAFFITING – WHAT KIND OF COMMUNICATION IS THAT?

ABSTRACT: The focus of this article is the study of graffiti and graffiting as elements that form part of the visual routine of residents in big cities, where walls and other public and private spaces are witnesses of different forms of expressions and urban inscriptions. In the case of indoor environments, it refers to the observations carried out in a Municipal School in the Area of São José/SC, where an elevated number of graffiting was perceived, showing acts of transgression through bad use of writing, as an element of communication and human development in the teaching-learning process in the School.

KEYWORDS: Graffiti. Graffiting. Language. Culture. Anti-Culture. Transgression. Writing. Communication. School.

INTRODUÇÃO

Vivemos, na atualidade, uma verdadeira crise de paradigmas culturais e sociais. Surge uma nova maneira de perceber o mundo, perceber as pessoas no mundo, perceber as diferentes formas de expressão e comunicação presentes neste mundo e as relações existentes entre estas pessoas, bem como a importância destas relações para o crescimento pessoal e

social. Em conseqüência, uma nova maneira de sentir, conhecer e expressar estes sentimentos e conhecimentos vem adquirindo forma, sendo uma delas os variados registros gráficos em espaços urbanos.

Se há uma nova forma de expressão fazendo parte da rotina visual das cidades e se esta rotina é permeada por considerações positivas ou negativas com relação à existência destes registros, a questão precisa ser pensada, discutida e estudada, objetivando obter uma nova forma de conhecimento sobre o tema. Entendidos por alguns como arte e expressão de sentimentos e por outros como agressão e violação de propriedades, o grafite e a pichação merecem um estudo a partir de um novo enfoque que venha a elucidar, quando possível, alguns equívocos com relação a eles.

Procurando esclarecer algumas questões básicas, entendemos que tanto o grafite quanto a pichação precisam ser compreendidos em toda a sua dimensão, como um exercício de autonomia dos componentes de uma sociedade. Como bem observado por Ramos (1994:45), *“as imagens tatuadas no corpo da cidade, e consideradas, na maioria das vezes, como marginais à cultura, vão pouco a pouco nutrindo a cultura que as rejeita”*.

GRAFITE E PICHAÇÃO PRESENTES NA HISTÓRIA

O grafite é considerado o mais antigo registro gráfico do ser humano. Desde os tempos mais remotos, o homem já se comunicava através de uma produção artística registrada nas paredes das cavernas, onde apareceram as pinturas rupestres, bem como de outras formas de comunicação escrita. Historiadores documentam seu retorno em outros espaços e tempos da Antiguidade, como na Grécia e em Pompéia. Em nossos tempos, temos como registro oficial o aparecimento do grafite em Paris, em maio de 1968, a partir do movimento de opressão política que resultou em rebeliões nas ruas. Com sua extrema liberdade de expressão e de registro, pronuncia-se de forma democrática e descomprometida com qualquer limitação espacial ou ideológica. Evidencia-se com marcas, logotipos, rabiscos, ícones e símbolos, que separados ou reunidos, compõem determinadas significações que se dispersam e se agrupam, formando grandes painéis que registram nomes, sobrenomes, palavras de ordem, de amor e humor, mensagens, letras, imagens, poemas e provérbios, entre outros, configurando-se em segmentos sociais que podem vir a ser lidos por todos. Num tumulto de registros simbólicos e icônicos, vão pegando carona nos diferentes espaços urbanos, percorrendo a cidade e fazendo história.

“Grafite”, etimologicamente, designa o bastonete de grafita, mineral de carbônio, usado na fabricação de lápis. Daí originou-se a expressão grafismo, que, segundo a Enciclopédia Mirador Internacional, (1979: 5404) (...) distingue-se de qualquer outra forma de atividade motora pela intenção de registro, que aparece desde as primitivas inscrições das cavernas (Ramos, 1994, p. 13).

O Dicionário Aurélio registra que “*grafito é inscrição, desenho feito pelos antigos com estilete ou carvão nas paredes dos monumentos. A partir de 1987, o mesmo Dicionário registra a grafia de grafite(s) com o significado de inscrição urbana*”. *Escrita de rua, arte que expressa seus sentimentos, numa explosão de cores, estilos e formas. Esta palavra pode ser grafada também como grafitti* (Ferreira, 1985, p. 1083).

A palavra usada e a escolha da grafia vêm do italiano – *graffito* – identificando inscrições ou desenhos feitos em épocas antigas, os quais de forma ainda rudimentar utilizavam pedras de ponta ou carvão para riscar em paredes, rochas, etc. O termo *graffiti* designa plural e refere-se a desenhos. *Graffito* designa singular e representa a técnica utilizada, ou seja, pedaço de pintura no muro utilizando um contraste entre claro e escuro.

O grafite tem seu registro histórico também nos murais da antiguidade, mais precisamente nos túmulos dos faraós egípcios, com predomínio da função decorativa e requinte de técnicas utilizadas, narrando fatos que entrelaçam imagem e texto. Também os primeiros cristãos, em reuniões secretas, deixavam seus registros em forma de grafite com os símbolos da Igreja nas catacumbas romanas.

O século XX testemunhou pintores mexicanos utilizando a técnica da pintura mural para decorar edifícios públicos. O pintor Bernardo Carnada, procurando tornar a arte pública, publicou em 1905, um manifesto a esse respeito. Passados 15 anos, Siqueiros, em Barcelona, apelando para os artistas americanos, chama a atenção para a necessidade de levar a arte às multidões. Os murais das fachadas de alguns edifícios brasileiros testemunham, a partir dos anos 50, temas relativos à nossa história e nossa arte, como por exemplo, Di Cavalcanti, na fachada do Teatro da Cultura Artística no centro de São Paulo. A pintura muralista, em consonância com a pop art, já apontava para a origem do grafite como uma autêntica expressão humana, o qual tem sua consagração como linguagem artística nos anos 90, cuja trajetória, rumo ao 3º milênio, conquista espaço na mídia, nas novelas de TV, em manchetes de jornais e inclusive na Bienal.

Também a pichação tem seus registros históricos nas paredes das cidades antigas. Podemos citar as paredes de Pompéia com registros diversos, entre os quais xingamentos, cartazes eleitorais, anúncios e poesias. Na Idade Média, a Santa Inquisição perseguia e

castigava as bruxas, cobrindo-as com piche. Paredes de conventos eram pichadas por padres de ordens distintas e não simpáticas. Desta mesma forma, quando se queria atacar uma pessoa, pichava-se a parede de sua casa, denunciando suas más qualidades.

“Pichação é dístico, em geral de caráter político, escrito em muro de via pública” (Ferreira 1985: 1083). *“PICHANÇA, palavra cheia de conotações pejorativas: pichar implica em maledicência. Pichação associar-se-ia, nesse sentido a poluição visual urbana”* (Ramos 1994, p. 19). *Ação ou efeito de pichar; escrever em muros e paredes; aplicar piche em; sujar com piche* (Gitahy 1999:19). Da mesma forma, é interessante perceber a derivação da palavra. Pichar, assim, significa: *“Criticar asperamente”* (Barsa 1997, p. 33).

O material básico tanto para o grafite quanto para a pichação é a tinta em spray, a qual ingressa no Brasil, conforme registros, a partir dos anos 50. Descendente da tinta usada sob pressão de uma bomba compressora, como a utilizada na pintura automotiva, o spray permite maior liberdade de movimentos e maior velocidade. A história da revolta dos estudantes em Paris, em 1968, registra a presença do spray para fixar nos muros da cidade as reivindicações que eram gritadas nas ruas.

No Brasil a pichação, que durante os anos de ditadura militar entrou em decadência pela força da censura e do autoritarismo, surgiu com frases de protesto, humor e frases enigmáticas. Por ser considerada ilegal e subversiva, de caráter político, esta atividade acontecia sempre à noite, evidenciando a necessidade de materiais que contribuíssem com a rapidez necessária para a sua execução. Com sua popularização, perdeu um pouco de seu caráter político, tornando-se espaço para declarações de amor, piadas ou registros de nomes de seus autores.

Gitahy (1999, p. 23) lembra que Ivan Sudbreck, um dos principais artistas de rua da geração 80 do graffiti, dizia entusiasmado: *“A arte sempre será o reflexo social de um povo”*. No que se refere ao nosso país, é reflexo de um povo oprimido, vitimado pelo desrespeito em seus direitos humanos, como a falta de trabalho, habitação, saúde, educação, segurança, lazer, etc., manifestando-se em resposta cada um à sua maneira, por atitudes consideradas lícitas ou não. O que nos cabe, enquanto cidadãos que vivenciam esta forma de expressão, é compreendê-la enquanto manifestação humana, o que nos permitirá a não-repressão a esta atividade, que comparada às diversas formas de violência que assistimos no nosso dia-a-dia, como a política, a social e a ecológica, deixa de ser uma barbárie.

O grafite e a pichação utilizam como suporte para sua realização não só os muros da cidade, mas também postes, viadutos, pontes e outros espaços como paredes e carteiras escolares, tendo por natureza a crítica social, o questionamento e o diálogo com o público,

onde o grafiteiro e o pichador manifestam-se como sujeito e agente, em seu contexto histórico-social e econômico, na tentativa de mudar o que está posto.

Em ambientes públicos, como nos aponta o professor Arlindo Machado¹ (in Ramos 1994:18), a pichação tem seus registros em São Paulo na década de 70, com as inscrições anônimas nas paredes, usadas para divulgar o lançamento de uma nova raça canina no País: o Cão Fila. Logo após, apareceram rabiscos de amor, palavrões, propaganda política, pornografia, etc. Eram utilizados muros, viadutos e paredes como suporte para esta forma de comunicação.

Para Gitahy (1999, p. 17-8), são de dois tipos as características da linguagem do grafite:

Estéticas:

- Expressão plástica figurativa e abstrata
- Utilização do traço e/ou da massa para definição de formas
- Natureza gráfica e pictórica
- Utilização, basicamente, de imagens do inconsciente coletivo, produzindo releituras de imagens já editadas e/ou criações do próprio artista
- Repetição de um mesmo original por meio de uma matriz (máscara), característica herdada da pop art
- Repetição de um mesmo estilo quando feito à mão livre.

Conceituais:

- Subversivo, espontâneo, gratuito, efêmero
- Discute e denuncia valores sociais, políticos econômicos com muito humor e ironia
- Apropria-se do espaço urbano a fim de discutir, recriar e imprimir a interferência humana na arquitetura da metrópole
- Democratiza e desburocratiza a arte, aproximando-a do homem, sem distinção de raça ou de credo
- Produz em espaço aberto sua galeria urbana, pois os espaços fechados dos museus e afins são quase sempre inacessíveis.

Desta forma, tanto o grafite quanto a pichação vão disputando espaços para a sua inclusão, vão registrando, com signos e símbolos, a história de um povo. Esta história se insere no cenário da cidade, dizendo a esta mesma cidade coisas suas que ela própria tenta esconder. Nas palavras de Ramos (1994, p. 43), “*o espaço visual da cidade se altera, ganha uma outra dimensão pela ação de grupos ou indivíduos que por ali passam e imprimem sua marca. O muro vira mural... suporte para manifestações de todo e qualquer cidadão*”.

¹ MACHADO, Arlindo. A Ilusão Espetacular, 2ª ed. São Paulo: Apostila PUC, 1988.

GRAFITE OU PICHÃO – ENCONTROS E DESENCONTROS

A Lei Ambiental nº 9.605, de âmbito federal, que entrou em vigor no início de 1998, conceitua grafite e pichação como sendo a mesma coisa e declara crime contra o meio ambiente passível de penalidades, classificando tanto o grafiteiro como o pichador como vândalos. O grafiteiro Binho afirma que *“antes, era considerado contravenção pintar um espaço privado, seja com vandalismo ou uma pintura bonita. Hoje, é crime, e isso é complicado. Não adianta reclamar do que é certo e do que é errado, porque é óbvio que, se eu não posso pintar o muro de sua casa, e se pintar, você tem direito de correr atrás”*. Para Binho, *“esta lei colocou os jovens que estão fazendo pintura, numa posição complicada, porque eles vão parar na FEBEM, vão aprender coisa ruim, vão para outros caminhos. Essa lei é uma tentativa errada de breçar o GRAFITTI, mas isso só vai fazer com que o vandalismo se torne mais forte, e as atitudes artísticas fiquem mais inibidas. Só dificulta a melhoria do cenário da cidade”*.²

Cabe considerar também neste estudo a presença das pichações nos espaços urbanos e suas semelhanças ou diferenças com o grafite. Tanto um quanto o outro utiliza a transgressão e a cidade como suporte, fazem uso dos mesmos materiais e têm como meta a interferência no espaço urbano, subvertendo valores de forma espontânea, gratuita e efêmera. No entanto, seguidores destas manifestações artísticas entram em contradição quando se trata da similaridade ou distinção entre grafite e pichação. Alguns se esforçam em encontrar diferenças entre ambos, registrando-as na escolha do material, na autorização para a efetivação desta arte ou na tomada do espaço alheio, enquanto outros definem o grafite como uma evolução da pichação, a partir de estudos e aprimoramento dos recursos utilizados. Outra distinção colocada pelos grafiteiros e estudiosos do tema se refere à origem das manifestações, aparecendo o grafite como originário das artes plásticas, caracterizando-se pela força da imagem, enquanto que a pichação aparece como originária da escrita, privilegiando a palavra ou a letra.

O grafite pode ser encontrado no traçado de linhas simples, algumas vezes registrando uma escrita ligeira, outras se apresentando com formas coloridas e muito bem elaboradas, cujo significado nem sempre é aparente e pode servir de código cifrado e secreto entre os participantes do movimento, como fazendo parte de um jogo.

² Binho trabalha com Comunicação Visual, faz trabalhos ligados às Artes Plásticas, essencialmente Grafitti, a Cultura do Grafitti do Hip-Hop.

Na pichação, onde a escrita alfabética nem sempre se faz presente, podemos encontrar tanto letras hipoicônicas bem elaboradas, quanto traçados considerados rabiscos, escolhendo-se como suporte monumentos, igrejas, prédios, e o próprio grafite bem elaborado como cenário preferencial.

Conforme Gitahy (1999, p. 24), a pichação *“é uma guerra feita com tinta, todos se conhecem e se identificam pelo tipo de código pichado. Um grande abaixo-assinado para a posteridade, no qual cada um que participa deixa sua marca”. (...) “A pichação aparece como uma das formas mais suaves de dar vazão ao descontentamento e à falta de expectativas”*.

Outra questão que vem marcando a distinção entre estas duas formas de expressão urbana esta registrada no uso do termo “grafitar” pelos grafiteiros e pela mídia impressa, cujo objetivo é distinguir “grafite” de “pichação”, esta última com conotações pejorativas e associada à poluição visual urbana. No Jornal do Brasil de 7 de março de 1988, Reynaldo Roels Jr. registrou: *“Grafite não é pichação. O grafite é, em geral, um artista plástico que assina a obra da mesma forma como põe seu nome em uma tela. Os integrantes do TupinãDá, por exemplo, trabalham também com escultura, pintura, desenho e cinema. Já o pichador costuma ser alguém sem conhecimento de artes plásticas, que usa os muros da cidade para queixar-se de dificuldades, mandar recados ou, simplesmente, escrever seu nome”* (Ramos 1994, p. 20).

De qualquer forma, tanto um quanto outro se encontram estampados no cenário das cidades, seja em espaços públicos ou privados, marcando muros, mãos e mentes daqueles que, no papel de sujeito ou agente, fazem parte deste mesmo cenário. As imagens, consideradas por muitos habitantes como marginais à cultura, vão pouco a pouco fazendo parte dos centros urbanos, vão se instalando no seio da própria cultura que não as reconhece e marcam presença despertando a atenção sobre si a partir da provocação, da transgressão, bem como de uma comunicação lúdica por meio de um laboratório artístico. Por exemplo, encontramos na Revista SB nº 10 (Revista Original da Cultura Hip-Hop) a mensagem que registramos abaixo:

- *“Que defendam os ideais da Cultura Hip-Hop.*
- *Que pintem pela arte, não só pela autopromoção.*
- *Que levem brilho a locais desolados e iluminem os becos.*
- *Que coloquem suas obras em grandes galerias e não esqueçam de pintar nas ruas.*
- *Que façam quadros, esculturas, instalações, saiam em revistas, televisões e continuem humildes.*
- *Que não atropelem a arte.*

- *Que utilizem a estética do Graffiti e, no futuro, após a evolução, não esqueçam de que cultura o seu conhecimento veio”.*

A PICHACÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Poluição visual refere-se à aparência que fica em paredes, portas, cadeiras, carteiras escritas dentro de um ambiente escolar. Verificamos isso ao freqüentar uma unidade escolar da rede municipal de São José, onde constatamos diversas manifestações escritas, dentre elas desenhos, palavras, frases, símbolos de times de futebol, registradas em fotografias como elementos para estudo, levando-nos a imaginar os seguintes questionamentos: mesmo cientes da transgressão às normas de disciplina, quais seriam as motivações que levaram estes alunos e alunas a utilizar o espaço escolar para escrever, sendo a escola um ambiente propício a apropriado para desenvolver a escrita e a oralidade de forma não anônima? Ainda, segundo Ramos (1994, p. 47), *“na pichação, não há qualquer gesto estético qualitativo obrigatório, nem quanto à forma e nem quanto ao conteúdo (...) o processo é aleatório e anárquico, permite que qualquer um possa atuar utilizando (giz, carvão, caneta, corretivo, tinta) escrevendo, desenhando, pintando ou rabiscando”.*

As pichações interferem no ambiente escolar de forma a agredir aqueles que não participam desta manifestação. Observa-se que entre alguns alunos e alunas existe uma certa reprovação, diante da transgressão às normas de conduta dentro do ambiente escolar, para a preservação dos recursos materiais em bom estado de conservação. Contudo, mesmo com a proibição, o fato ocasionalmente toma proporções que saem do controle da escola.

Acreditamos que quem pratica tal ato pretende se comunicar, reivindicando ou exigindo uma atenção a si ou às suas idéias, ainda que de forma distorcida ou delinqüente. Afinal, o pichador invoca e propõe uma atitude de “delito” na escola.

Ao que tudo indica, a escola acaba ficando alheia a essas manifestações ao demonstrar preocupação com o ato ou o rito, meramente com a situação do proibitivo, deixando de lado a interpretação e intencionalidade da mensagem, inclusive sequer querendo questionar se está cumprindo ou não com sua função social enquanto orientadora comportamental e aliada no acompanhamento da educação familiar.

Talvez seja por isso que a escrita acaba deixando de ser comunicativa, tornando-se uma escrita morta, na medida em que os alunos parecem não acreditar neste tipo de escrita, na qual não se exige a sua participação, diante da simples cobrança da repetição e da cópia, provocando uma desmotivação no processo ensino-aprendizagem.

A escrita deveria atuar como um significativo complemento da oralidade. O que vemos nos ambientes escolares, onde os jovens “não têm vez e nem voz”, são manifestações intempestivas utilizadas por eles, a exemplo da pichação, que é interpretada como um mero ato de indisciplina. Cabe à escola, enquanto instituição, buscar meios de ouvi-los, através do acompanhamento de profissionais, pois esses alunos e alunas indisciplinados que praticam o ato da pichação alguma coisa querem dizer.

Corroborava Vasconcellos (1998, p.132) afirmando que *“o aluno poderia estar tentando dizer ao professor com os constantes atos de indisciplina, possivelmente que a escola que aí está não lhe proporciona alegria, satisfação e tampouco uma aprendizagem consistente, estando, dessa maneira, muito distante de suas aspirações e necessidade”*.

Uma escola preocupada com as manifestações empregadas pelos jovens deve ter como princípio uma educação libertadora, onde procure trabalhar em prol da transformação humana, do crescimento de cada estudante em indivíduo e cidadão. É necessário promover um ambiente com diálogo constante entre todos os segmentos da escola, da direção aos alunos e alunas, bem como toda comunidade onde a escola está inserida. De acordo com Faundez (1994, p.117), *“esse diálogo deve ser criativo, crítico e permanente, para superar e não para destruir”*.

Com isso, é preciso tanto o aluno quanto o professor (a equipe escolar) trabalharem para dar conta satisfatoriamente da tarefa social específica que lhes cabe. Afinal, graças à interdependência entre ambos, não mais é fundamental para o professor um elevado grau de satisfação, ou seja, um patamar de “sucesso” no processo de ensino, quanto também seja necessário, e muito, para o aluno atingir boas médias escolares num ambiente propício a sua formação saudável como indivíduo, na busca por melhores oportunidades de trabalho, e no campo social, durante a vida adulta, galgada desde a vida escolar.

A iniciativa de ampliação dos espaços de participação extraclasse para os alunos e alunas, professores e comunidade – através da prática desportiva, organização de grupos de teatro, trabalhos culturais, atividades artísticas, passeios e viagens, encontros ecumênicos ligados à identificação religiosa e informação preventiva antidrogas, DSTs etc. – além de assumirem caráter formativo, desencadeiam nos alunos o “gosto pela escola”, ao passo que também os dirigentes e educadores escolares conseguem não criar tantos empecilhos à organização dos alunos, reforçando a liberdade de expressão orientada.

Certamente, ainda pode ser investigado se existem fatores alheios que ocasionem interferências nesse processo salutar descrito acima, referindo-nos mais ao ambiente

estrutural, tais como: barulho externo, temperatura elevada, falta de ventilação, iluminação precária, disponibilidade de espaço para movimentação (pátio amplo), falta de limpeza, entre outros. Se tais atributos não estiverem satisfatoriamente equacionados na escola, invariavelmente favorecem atitudes indisciplinadas dos estudantes.

Os alunos e alunas podem não estar conseguindo verbalizar suas angústias, temores ou insatisfações próprias, manifestando os seus sentimentos através de recursos como a pichação, com o propósito de instalar mensagens para serem compreendidas.

De acordo com Ramos (1994, p. 55), a pichação pode ser considerada “*violação dos padrões culturais pré-estabelecidos. Indiferentes, alheios, provocadores, questionadores dos momentos político/sociais e dos espaços da cidade, os grafites/pichações são manifestações (...)*”. Com uma linguagem própria, necessita ser compreendida não somente como um ato de transgressão ou uma disputa entre professor *versus* aluno. Para tentar resolver esta questão, é necessário organizar o trabalho coletivo em sala de aula, na realização e na construção do conhecimento, ou seja, a educação na prática de forma a estabelecer uma relação “ganha-ganha” entre professor e aluno.

A sala de aula, como lugar privilegiado da vida pedagógica, por si mesma deve ser capaz de gerar outra vida, vivenciada pelo professor e seus alunos, em tempo parcial e determinado, na idealização da complexa trama da existência humana, a fim de que sejam encaminhados pelo processo educativo que a escola fornece. É necessário que o professor entenda, ao entrar em sala de aula, que não está entrando sozinho; com ele entram seus colegas (os funcionários), as regras, todas as suas vivências, enfim, a Escola, na sua forma mais universal de ser, que naquele momento é por ele representada, bem como a matéria que ele leciona.

Aquilo que para o professor pode ser considerado óbvio no espaço da sala de aula, para os alunos pode não estar tão claro. “O porquê” de estar naquele espaço é fundamental que seja pautado em objetivos comuns, que se fundem entre professor e alunos, em que postulem parâmetros comuns de conduta, sendo já discutidos entre a equipe técnica da escola. Esses parâmetros podem ser iniciados pelas normas internas da escola, sendo discutidos por todo o segmento escolar, onde a participação contínua de todos se torna fundamental.

Se pensarmos em sala de aula na visão de um espaço coletivo, onde os alunos se conhecem durante o período de tempo que estão juntos e seus objetivos não são comuns, dessa forma estabelecem-se suas próprias regras de funcionamento, quando não houver um preparo antecipado, no qual a classe tenha uma interação entre seus membros. Portanto, cabe ao professor e a toda a escola proporcionar um espaço para que os alunos e as alunas possam

expor com responsabilidade seu desejo de aprender e de estudar, assumidos pelo sujeito (educando). Caso isto não ocorra harmoniosamente, o professor que está ali para coordenar o processo não pode ser o único responsável. O professor pode, junto aos seus alunos e alunas, realizar um levantamento das necessidades da classe e da escola, iniciando o processo de elaboração das normas, a ser fixado em lugar visível, ou registrar em caderno/agenda para que a família também participe, monitore e possa opinar, assumindo a co-responsabilidade de seus filhos que lhe é devida. É necessário, ainda, que a classe possa rever e refletir em conjunto, através de debates e avaliações periódicas, podendo haver possibilidades de mudança caso a classe manifeste necessário.

De acordo com Moraes (1995, p. 26), *“a educação deve permitir a cada indivíduo encontrar seu estilo; ser ele mesmo, para além da espontaneidade incoerente, para além das normas prontas e acabadas e dos lugares comuns; ser ele mesmo, assimilando o que cada cultura ofereça de verdadeiramente humano”*. Assim, reafirma-se a reflexão e o propósito do dever de respeitar que “cada um é cada um” com suas experiências, vivências, culturas, passando a ser o grande desafio da escola o de recuperar a função social que lhe cabe, na remuneração do seu papel em cumprir de forma democrática a transmissão do conhecimento, sem pautar as atividades primordialmente nos resultados, mas sim nos fundamentos do processo ensino-aprendizagem.

GRAFITE NA PONTA DA LÍNGUA

Reportagem do Caderno G, do Jornal Gazeta do Povo - Paraná, de 11 de novembro de 2001, apresenta um apanhado do vocabulário e dos conceitos utilizados pelos grafiteiros.³

- **Writer** – Graffiteiro, praticamente da arte do grafite, escritor urbano.
- **All City** – É considerado aquele que escreve por toda a cidade ou pelo país. Pode se referir a um writer individualmente ou uma crew (ganguê). Tem que fazer todo o tipo de escrita (piece, bomb, tag) em todos os locais (muros, trens),
- **Toy** – Wryter inexperiente ou que copia grafites alheios. Uma definição antiga de Toy é “trouble on your system”, ou seja, “roubam seu esquema”.
- **Tagger** – Quem não é writer, quem nunca fez um piece (grafite com mais de três cores). Só faz assinaturas. Pichadores também são chamados de scribblers.
- **Old Shool** – O início, os precursosres do grafite, os que inventaram os estilos clássicos de grafitar.

³ Retirado do texto de Marcos Zibordi no jornal acima citado.

- **New School** – A nova escola, que está atuando hoje em dia, aprimorando os conhecimentos.
- **Fresh** – Representante da new school ou new schooler.
- **Bite** – Aquele que copia o desenho ou até mesmo o estilo dos outros writers.
- **Fame** – Fama, alguns bons grafiteiros (old school) merecem isso, como Dondi, Phase 2, Dream (R.I.P.), entre outros.
- **Piece** – Grafite feito por um writer com mais de três cores.
- **3D style ou Computer Style** – Tridimensional, com letras de alto teor de complexidade. Criado por Phase 2, é atualmente usado por grafiteiros como Daim, Loomit, Delta, Joker.
- **Mural ou produção** – Feita por um writer ou uma crew. Envolve no mínimo dois pieces e alguns bonecos.
- **Roll call** – Assinatura de todos os grafiteiros ou da crew, depois de feita uma produção.
- **Wildstyle** – Um estilo complicado, com letras entrelaçadas, dos mais difíceis de se fazer.
- **Background** – Fundo de um piece ou de uma produção. Destaca e preenche mais o desenho e apaga qualquer outra coisa que havia no local antes.
- **Tag** – O básico do grafite, a assinatura do writer. Logotipo. Tags podem ser continuadas com prefixos “One”, “Ski”, “Rock”, “Em” ou “Er”. Geralmente são feitos com marcadores, mas também podem ser feitos com spray.
- **Tag Reto** – Chamada também de pichação. Tipo de assinatura criada em São Paulo.
- **Tagging Up** – Taguear algum lugar difícil.
- **Bomb** – Grafite rápido ou ilegal, geralmente feito na noite nos lugares de difícil alcance.
- **Stickers, etiquetas** – Forma de bombardear os lugares públicos, onde seria muito flagrante usar um marcador. Usam-se então adesivos que foram taggiados antes, que na maioria das vezes diz “hello, my name is...”.
- **Throw Up** – Vômito, estilo simples de letra, usado nos Bombs. Geralmente feito em duas cores.
- **Getting Up** – Fazer um bomb, catar um lugar.
- **Going Over** – Largar fora, fugir, correr da polícia.
- **Bubble Letters** – Tipo, estilo de letras em forma de bolha. Estilo criado por Phase 2.
- **Back to Back** – Muro preenchido de ponta a ponta. Quando é um trem, chama-se whole car.
- **Whole Car** – Um lado do trem pintado completamente.
- **Insides** – Taguear, bombardear os trens, ônibus e outros por dentro.
- **Window Down** – Piece feito pela janela de um trem ou ônibus.
- **Buff** – Termo usado quando se remove o piece ou bomb. Geralmente em trens, onde é possível limpar.
- **Character** – Boneco, desenho no qual se representa um ser vivo, podendo ser humano ou não, karak.
- **Fade** – Cores claras, ou que transitam transparência.
- **Dope** – Termo de rap/hip-hop que quer dizer “louco”, “doido”. Dependendo do uso, dope quer dizer droga ou drogado.
- **Piecebook** – O livro com sketches do writer. Também chamado de blackbook, sketchbook ou writer’s bible.
- **Outline** – Desenho feito em piecebook, sketch.
- **Cap** – Bico do spray do qual depende o traço. Pode ser fino (skinny) ou grosso (fat).

- **Marker** – Marcador, pincel atômico.
- **Homemade Ink** – Tinta para marcador feita em casa.
- **Griffin** – Feltro, usado na construção de marcadores caseiros.
- **Funzine** – Uma mini-revista de grafite, sem fins lucrativos, apenas para divulgar e divertir. O primeiro zine de grafite foi o International Graffiti Times, criado por Phase 2.
- **Flicks** – Fotos. Também flick (singular) e flix (plural).
- **Krylon** – Marca de spray, com logotipo de cinco círculos coloridos. Muito usado por writers pelo bom preço e quantidade de cores.
- **Rack** – Roubar tinta ou marcadores. Como a tinta é muito cara, alguns writers roubam os materiais para pintar.

“Para ser um writer de verdade, é preciso mais que uma idéia na cabeça e uma lata de spray na mão” (Marcos Zibordi). O grafiteiro, conforme Ramos (1994, p.53), *“é como um coreógrafo do urbano, que tem a cidade como pano de fundo, como cenário, e os seus transeuntes e/ou habitantes como expectadores da cena cotidiana”*.

NA HISTÓRIA DO GRAFITE BRASILEIRO, ALGUNS NOMES:

- Ivan Sudbreck, que ficou conhecido por suas caras redondas que apareciam no buraco da Avenida Paulista, em São Paulo.
- Maurício Villaça, que falava de sua indignação quando do assassinato de garotos que foram flagrados fazendo pichação. Ficou conhecido por seus imensos murais e por sua preocupação em registrar nos muros sua visão com relação ao que acontecia no país.
- Keith Haring e Jean Michel Basquiat foram importantes grafiteiros do metrô nova-iorquino. Keith Haring tornou-se um dos artistas mais conhecidos nos anos 80 por levar o grafite, que antes era exclusivamente das ruas, becos e guetos, para o convívio de galerias, museus e bienais. No Brasil, participou da Bienal de São Paulo em 1983. No reconhecimento da importância do desenho enquanto forma de comunicação humana que ultrapassa gerações, Keith Haring diz: *“Cresci numa confortável sala de classe média, vendo rios de televisão e sabendo das guerras pelas páginas do ‘Life Magazine’. Mas, mesmo com computadores, satélites e ‘vídeo-tapes’, o homem continua a ter medo das coisas ancestrais, como o medo da morte. Por isso, decidi voltar ao desenho, que mudou pouco desde a pré-história. E ainda guarda a mesma clareza”*.

- Celso Gitahy, grafiteiro e escritor, coloca entre outras coisas que “*talvez, um dia, todo centro urbano, apesar de caótico, possa se tornar uma grande galeria de arte a céu aberto*”.
- Alex Vallauri, que trabalhava também com máscaras vazadas, foi o principal precursor do grafite no Brasil. Durante os anos 70, usou-o para fazer surgir primeiramente uma intrigante botinha preta, de cano alto e salto agulha, à qual posteriormente foi sendo acrescentada uma luva preta, depois óculos escuros anos 50, na seqüência um biquíni de bolinhas, e finalmente o aparecimento de uma bela mulher latina. Este grafiteiro foi de extrema importância para o grafite brasileiro, tanto que o dia 26 de março tornou-se o Dia Nacional do Graffiti, em homenagem à sua morte, que ocorreu em 1987.
- Carlos Matuck investigou diferentes formas de construção de máscaras. Usou grampos de grampeador, produzindo máscaras incríveis.
- José Carratu, Jaime Prades e Rui Amaral, pertencentes ao grupo TupiNãoDá, da Vila Madalena em São Paulo.

GRAFITE E PICHAÇÃO NA ATUALIDADE

Na atualidade, percebe-se grande preocupação dos órgãos oficiais com relação ao grafite e à pichação. Universidades brasileiras têm também investido neste tipo de manifestação humana, buscando não só o sentido de melhor compreender seus significados, mas também, a partir da elaboração de pesquisas, presentear a comunidade com novas significações a respeito do tema.

Projetos vêm sendo desenvolvidos por universidades, prefeituras municipais, escolas e outros órgãos oficiais, envolvendo crianças e jovens. Estes órgãos não só contratam grafiteiros para que estes ministrem cursos a grupos de crianças, adolescentes, jovens e demais interessados, como também são responsáveis por toda a infra-estrutura necessária a esses cursos, como divulgação, materiais, espaço físico, etc. Além dessas ações, os grafiteiros também conquistaram espaço na mídia, em revistas, jornais, televisão, empresas, participação em exposições, inclusive na Bienal, e em outros espaços onde esta arte está sendo compreendida, divulgada e esclarecida à população, com investimentos que procuram tirá-la da condição única de marginalidade, da condição de contracultura, neste caso entendida de forma pejorativa. Conforme Linz (2002), “*numa primeira análise (...) contracultura é o que vai de encontro à cultura, ou seja, os questionamentos quanto aos moldes determinados pela*

sociedade; o que vai de encontro à rede de convenções e instituições impostas por esta sociedade, tentando modificá-las de algum modo". No entanto, conforme a Enciclopédia Barsa (1997:33), cultura *"é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou na forma de idéias, instituições, linguagens, instrumentos, serviços e sentimentos"*.

Conforme podemos constatar, a definição de cultura acima registrada cabe perfeitamente a esta forma de comunicação humana.

Conforme nota do jornal Folha de S. Paulo, a Universidade de São Paulo, em maio de 2002, começou a preparar *"a primeira cooperativa brasileira de grafiteiros, tradicionalmente desorganizados, alguns deles ex-pichadores. A maioria deles nem imaginava que aquela arte poderia tornar-se uma profissão – até porque vivem perseguidos pela polícia e são encarados como marginais, obrigados, muitas vezes, a fazer suas intervenções de madrugada"*. Professores e alunos de diversas faculdades passaram a oferecer gratuitamente assessoria aos interessados em transformar esta arte nos muros, considerada, por muitos, como marginal, em uma profissão remunerada.

Outro investimento a ser citado como exemplo é o do SESC-Paraná, que através do Projeto *"Pichação é a maior sujeira! Deixe sua arte fora dessa"* organizou cursos envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos interessados na tentativa de consagrar a arte do grafite e contribuir para a diminuição da pichação desenfreada considerada como vandalismo. Entre várias ações, além da oferta de recursos humanos para ministrar os cursos, o SESC-Paraná contou com parcerias para oferta do material necessário, divulgação do projeto, elaboração e distribuição de revistas, gibis e demais informativos. A revista Sescílio (p. 8), informa em sua coluna *"Você sabia?"*: *"Que não se sabe quem, nem quando foram feitos os primeiros grafites. Há quem diga que os primeiros foram feitos pelos homens das cavernas... Que quem for pego pichando o patrimônio público ou privado, fica sujeito à penas que variam de um a dois anos de cadeia ou trabalhos para a comunidade... Que o spray contém o gás CFC, um dos principais causadores da deteriorização da camada de ozônio..."*

Escolas também têm desenvolvido projetos envolvendo a questão do grafite e da pichação. Como exemplo podemos citar o projeto elaborado pela prof^a Patrícia Adriane Elias⁴ e desenvolvido em uma escola municipal de Curitiba-PR, o qual teve por meta a abordagem sobre os diferentes gêneros da arte nas ruas, para que o aluno não só compreendesse sua

⁴ ELIAS, Patrícia Adriane. Professora e Arte-Educadora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, Graduada em Educação Artística com ênfase em Computação Gráfica. Pós-Graduada em Arte-Educação. Pós-Graduada em Arte-Terapia.

função social, como também tivesse clara a função dos elementos que caracterizam a linguagem plástica no Grafite. O referido projeto teve por objetivos:

(...) vivenciar e reconhecer a produção artística da humanidade ultrapassando paradigmas impostos pela cultura dominante, bem como reconhecer a importância da conservação e preservação do patrimônio cultural; relacionar a produção artística da humanidade com o contexto socioambiental do estudante como forma de comunicação representativa de diferentes contextos sociais e ideológicos; identificar a interferência cultural na organização do espaço e sua representação pelas artes, para então ressignificar forma e conteúdo a partir da imaginação criadora, com autonomia.

Percebe-se assim a grande preocupação dos órgãos oficiais em dar ao grafite a condição de reconhecimento enquanto arte, e aos grafiteiros, a saída da marginalidade para um mundo de respeito e dignidade.

CONCLUSÃO

A linguagem do grafite e da pichação faz parte do cenário das grandes cidades. Não podemos mais ignorar a sua presença, assim como não podemos e nem devemos ignorar esta forma de comunicação que nasce no anonimato, mas aos poucos vai adquirindo identidade com outras pessoas, outros grupos, outras comunidades e se tornando uma forma real de comunicação entre muitos.

Contestada por alguns e respeitada por outros, esta linguagem ao longo de tempos e espaços distintos traz consigo e em seus registros parte da história da humanidade que, agregada a outros valores próprios de cada época, escreve a história de homens e mulheres que, de uma forma ou de outra, colocam nas paredes, muros, postes, viadutos, portas, cadeiras, carteiras, etc., inscrições que representam mensagens de amor, humor, protestos, políticos ou não. De qualquer forma, registros que contam o sentimento das pessoas sejam elas crianças, jovens, ou adultos, não importa, mas que sem dúvida criam tribunas onde podem dizer aquilo que nos espaços convencionais ainda não é permitido.

As imagens que vemos estampadas em ambientes externos e internos nada mais representam que vozes que clamam por serem ouvidas e entendidas na dimensão do entendimento de que existe algo mais e além do que os códigos escritos formais que a população está habituada a decifrar.

Após as considerações de diversos protagonistas desta leitura diferenciada a respeito do grafite e da pichação e sem o desejo de esgotar o assunto, fica um desafio: que sejamos nós a olhar com outros olhos estes signos escritos, na tentativa não de fazer a crítica infundada, mas, se esta for necessária, que seja a partir do entendimento e da decifração destes códigos que definem e testemunham o registro de palavras de ordem, de amor, de humor, mensagens, letras, imagens, poemas, provérbios, enfim, uma forma ilimitada de comunicação humana.

Essa maneira de arte voltada para as grandes massas precisa ser entendida em toda a sua dimensão, pois se configura em espaços de diálogo da cidade com a cidade, na busca da permanência da mensagem a partir da provisoriedade do registro de um tipo de arte que exercita a comunicação e faz propostas ao meio de forma interativa. As cidades são mais que suporte. Transformam-se em um conjugado de desenhos, signos, letras, cores e tintas que, na ilusão do movimento, surpreendem o imaginário humano.

Tomamos emprestadas as palavras de Gitahy (1999, p.77-8) quando diz que,

(...) há tantos que de tão acostumados com seus caminhos conhecidos os percorrem distraidamente: o que é importante emudece e fica invisível. Precisamos recuperar nossos sentidos sem que nos mutilemos, separando corpo da mente e do espírito. (...) Todo o processo artístico é relativamente lento, pois depende da intimidade alcançada entre homem e trabalho para que os resultados estéticos sejam satisfatórios. Talvez, um dia, todo o centro urbano, apesar de caótico, possa vir a ser uma grande galeria de arte a céu aberto.

As características que concedem especificidade ao grafite e à pichação como uma distinta forma de escrita e comunicação conferem aos espaços urbanos um novo significado. São enigmas que instigam, a todo o tempo, sua decifração.

REFERÊNCIAS

BARSA, Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., *Macropédia*, v. V, São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

BRASLAVSKY, Berta. *Escola e alfabetização: uma perspectiva didática*. Trad. Vera Maria Mazagão Ribeiro. São Paulo: Universidade Estado Paulista, 1993.

FAUNDEZ, Antônio. *A expansão da escrita na África e na América Latina: Análise de processos de alfabetização*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GITAHY, Celso. *O que é Graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

GRAFITTI, RAP Brasil Especial. *A arte que nasce das ruas*. São Paulo: Editora Escala, Ano 1, n. 2.

JORNAL *Folha de S. Paulo*. 15/5/2002. c: 02.

JORNAL *Gazeta do Povo* – Paraná. Caderno G – Matéria de Marcos Zibordi publicada 11/11/2001.

LINZ, KIRIO. http://www.contrac.hpg.ig.com.br/contra_cultura.htm, 2002.

MORAES, Regis de. *Sala de Aula: Que espaço é esse?* 9ª ed. São Paulo: Papirus, 1995.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, Pichação & Cia*. São Paulo: Annablume, 1994.

REVISTA *Graffiti*. Ano 1 – n. 5. Ed. Escala Ltda.

REVISTA SB, nº 10. *A revista original da Cultura Hip-Hop*. São Paulo: 2001.

REVISTA *Sescílio*. SESC-Paraná, fev. 2002 – Inseto Informativo. p. 8.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 1998.

Recebido: Agosto/2003
Aprovado: Agosto/2007